

**...há tempo para parar...!**

## **Governo comparticipa Centro Pastoral do Viso**

No Governo Civil de Viseu, no dia 6 de Outubro, com a presença do Sr. Bispo, de diversas entidades e paroquianos, foi assinado um protocolo entre o Vicariato do Viso e o Governo, em ordem à comparticipação de 500 mil euros para a construção do novo Centro Pastoral.

Trata-se de uma ajuda vital para que rapidamente as obras comecem. Aqui fica o agradecimento a entidades e pessoas que se empenharam para que fosse possível esta ajuda.

Fruto da partilha dos paroquianos ao longo dos 10 anos de existência do Vicariato temos 500 mil euros. Do Estado virão outros 500 mil. Ainda ficam a faltar 500 mil. Contamos com a sua ajuda!



## **Encontros da Nova Evangelização**

“Porque vim para que tenhais vida e vida em abundância..” – Experimenta vir aos encontros da Nova Evangelização para jovens e adultos, de todos os estados e circunstâncias. Às segundas e quartas, durante os meses de Outubro e Novembro, às **21 horas**, no **Seminário das Missões**. Participa já no **primeiro encontro, dia 13 de Outubro**, segunda-feira!

## **Vigília Missionária**

**Sexta-feira, dia 17, às 21h, na Igreja do Seminário das Missões**, animada pelo Secretariado diocesano da Animação Missionária e pelo Grupo Coral de N.Sra do Viso. No próximo Domingo, 19 de Outubro, é dia Mundial das Missões.

## **Atelier de Música**

Recomeçaram as actividades do Atelier de Música, para crianças, jovens e adultos: às sextas, 18.30h, no Salão Paroquial de S.Salvador e às 11.30h, no Seminário das Missões, na sala sobre a garagem. Estão abertas as inscrições.

# **Ao Domingo...**

XXVIII Domingo TC A n. 43 12.10.08

Email: folhaodomingo@gmail.com

Folha Dominical do Vicariato de Nossa Senhora do Viso, Convento de Santa Beatriz,  
Seminário das Missões e Paróquia de São Salvador.

## **Adeus Marx, adeus capital!**

A economia está na ordem da hora. Reparem nos relógios, nos ecrãs, na histeria dos espectáculos bolseros, nos sinais, na pressa, na subida, na descida, no sentimento positivo ou negativo. Tudo se passa como um relâmpago, começando em Wall Street e passando por Londres, Tóquio, Madrid ou Lisboa. E chega à nossa porta. Ao nosso bolso. Não contávamos com isto. Pelo menos para já. Neste novo milénio tivemos o 11 de Setembro, os arredores de Paris a arder, atentados no Iraque e Afeganistão, ameaças nucleares nalguns países, África por vezes a emergir, outras com a pobreza no pico mais alto, os barris de petróleo a fazerem rolar os painéis nas bombas de gasolina, nas viagens de qualquer tipo, no preço do pão de cada dia.

Diremos simplesmente que as leis são mais fortes que as vontades e as vontades que criam leis de justiça ou injustiça não mudaram. Vivemos a convulsão do “já e ainda não”, com os grandes do mundo mais assustados que os pobres, pois as suas perdas são mais arrasadoras que as perdas do cidadão comum. Mas as astúcias ganham cidadania. O dinheiro é jogo, especulação, ameaça, retracção, *bluf*, enganos contínuos para que a ilusão seja impulsionadora de negócio e o boato determine novas formas de lucro. Os poderes públicos já se sentiram ultrapassados. Uma espécie de terrorismo económico tornou-se determinante no xadrez de troca de capitais e bens – móveis ou imóveis – que nos leva a sentir-nos em estado de emergência e dúvida económica sistemática, decretada pelos prestidigitadores da moeda, dos juros, dos lucros, das subidas e descidas das acções como roleta constitutiva do nosso sistema económico. Adeus Marx, adeus capital!

Nesta matéria mentir não é bom. Mas dizer a verdade toda pode ser arriscado. Pode gerar efeito dominó. Cada qual lança ou paralisa o seu investimento, o pequeno ou grande sinal de compra e venda, e abre uma caixa surpreendente de consequências. Bento XVI na abertura do Sínodo referiu-se a esta crise como reveladora da “futilidade da corrida ao dinheiro”.

Não se vislumbra, por enquanto, saída para este estado de crise. Mas nem por isso podem ficar de fora as atitudes éticas no pequeno e grande mercado, nos negócios onde o ser humano está no centro e o mais frágil merece o maior respeito. A Igreja reafirma hoje mais veementemente a sua doutrina social, sejam quais forem os novos meios e técnicas em que se envolva o trabalho humano. E continua indiscutível a frase de Cardijn: **as coisas têm preço, os homens têm dignidade.**

*António Rego*

**XXVIII Domingo TC A**

**Is 25,6-10a / Fil 4,12-14.19-20 / Mt 22,1-14**

**Tudo posso n'Aquele que me dá força**

*(Fil 4,13)*

A missão apela à sementeira, a lançar a **Palavra** como semente em terras novas, nunca antes aradas ou em terrenos estéreis queimados pela injustiça, pelo ódio, pela violência, por tudo aquilo que o homem consegue fazer sem Deus.

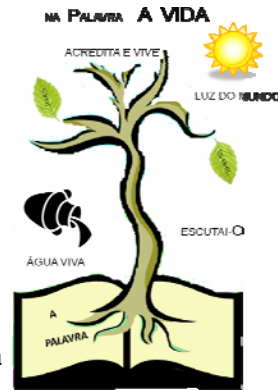
A **missão** é também **paixão**: podemos ser daqueles que por vezes são levantados pelos braços d'Aquele que é Forte, que venceu a nossa debilidade com o seu amor.

Com Ele é possível recomeçar, seguros de que “tudo podemos n'Aquele que nos dá força”.

Convidemos todos para a  **festa das núpcias** de Deus com os homens, a começar pelos que se acham e dizem “fiéis”. Não importa se para eles, estamos também nós incluídos, o convite soa a uma grande “seca”. Alguém nos responderá que já fez tudo o que devia fazer, dir-nos-á que este amor de Deus se torna sufocante, insuportável... Basta para eles a religião “legalista”, dos preceitos cumpridos sempre pelo mínimo como se fossem taxas a pagar.

Então temos de ir mais além, junto daqueles a quem foi roubada a dignidade, que estão afastados da convivência social e envolvendo-os com o nosso amor, qual veste de fraternidade e de acolhimento. **Revestidos** pelo amor, como a esposa do banquete, aprenderemos de novo a **amar e a sentir-se amados** na grande família do Pai.

**Ler e comentar em família: Mt 22,1-14**



**Ter confiança!**

«Já era noite. No apartamento de uma cave, um pequeno grupo de raparigas, que queriam viver o Evangelho, davam as boas-noites. Nisto, toca a campainha. Quem seria àquela hora? Era um homem, em pânico, desesperado: no dia seguinte ia ser expulso de casa com a família, porque não tinha dinheiro para pagar a renda. As raparigas olharam umas para as outras e, num acordo silencioso, abriram a gavetinha onde, em envelopes separados, tinham guardado o resto dos seus salários e uma reserva para pagar o gás, o telefone e a electricidade. Deram tudo àquele homem, sem pensar duas vezes. E foram dormir, felizes. Alguém haveria de pensar nelas. Mas ainda o dia não tinha nascido, quando o telefone tocou. “Vou já para aí, de táxi”, disse aquele mesmo homem. Admiradas com o meio de transporte que ia usar, as raparigas ficaram à espera. Pela expressão do visitante, qualquer coisa tinha mudado: “Ontem à noite, quando cheguei a casa, encontrei uma carta a comunicar-me uma herança que nunca pensei que fosse receber. O meu coração sugeriu-me logo que vos desse metade do dinheiro”. A quantidade era exactamente o dobro daquilo que elas generosamente tinham dado» (CL).

**A propósito do Sínodo sobre a Palavra de Deus:**

Já imaginou o que aconteceria se tratássemos a Bíblia como o telemóvel?

E se andássemos sempre com a nossa Bíblia no bolso ou na mala?

E se a espreitássemos várias vezes ao dia?

E se voltássemos para apanhá-la quando a esquecemos?

E se a usássemos para enviar mensagens aos nossos amigos?

E se a tratássemos como se não pudéssemos viver sem ela?

E se a déssemos de presente às crianças?

E se a usássemos quando viajamos?

E se a usássemos em caso de emergência?

Ao contrário do telemóvel, a Bíblia não fica sem sinal. Ela tem rede em qualquer lugar.

Não é preciso preocupar-se com a falta de crédito porque Jesus já pagou a conta e os créditos não têm fim.